DEFININDO O PRONOME

É a palavra que designa os seres, ou a eles se refere, em caráter estritamente gramatical, isto é, sem jamais os nomear nem lhes conferir um conceito determinado. Funciona como determinante, quando se liga a substantivos; ou como núcleo, ao substituir o substantivo.

O pronome determina a posição do ser no espaço comunicacional, denotando as três pessoas do discurso: 1ª (quem fala), 2ª (com quem se fala) e 3ª (de quem se fala).



Os pronomes podem ainda apresentar outra classificação, segundo o processo referencial que evidenciam. Assim, as referências externas ao texto, isto é, ligadas ao espaço, tempo e pessoa contextuais, são chamadas de *exofóricas*, constituindo-se em elementos a serem combinados com imagens, gestos ou conhecimentos prévios por parte dos interlocutores.

A maioria das referências, contudo, ocorre interna ao texto, classificando-se como *endofóricas*. Nesse caso, quando houver retomada de termo, elemento ou conceito anterior, teremos uma referência anafórica; ao passo que quando o pronome antecipar a ligação a seu substantivo, teremos referência catafórica.

PRONOMES PESSOAIS

Este tipo de pronome refere-se diretamente às pessoas do discurso, apresentando-se flexionado em dois casos: o **reto**, possuindo função de sujeito ou predicativo; e o **oblíquo**, com função de complemento. Este último se divide em dois: os *átonos*, usados sem preposição; e os *tônicos*, sempre regidos de preposição.

		Retos	Oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª	eu	me	mim, comigo
	2ª	tu	te	ti, contigo
	3ª	ele / ela	se, o / a, lhe	si, consigo, ele / ela
Plural	1ª	nós	nos	nós, conosco
	2ª	vós	vos	vós, convosco
	3ª	eles / elas	se, os / as, lhes	si, consigo, eles / elas

Particularidades dos pronomes pessoais

As formas de terceira pessoa devem ser usadas sempre com muita atenção, pois, normalmente, geram dúvida quanto à forma correta de utilização.

Os pronomes *se, si* e *consigo* apresentam, no português falado no Brasil, valor reflexivo, de modo que não podem ser usados para se referirem à terceira pessoa do discurso, senão àquela declarada pelo próprio sujeito.

Espantou-se consigo. (consigo mesmo)

Isso serviu-lhe para alerta a si mesmo dos problemas.

Os pronomes *o*(*s*), *a*(*s*) funcionam como complementos diretos do verbo, deixando o pronome *lhe*(s) a função de objeto indireto.

Vi-o passar por aqui.

Amo-a mais que tudo.

Perguntei-lhe se viria conosco.

Os pronomes *o*(*s*), *a*(*s*) guardam ainda outra particularidade quando combinados a formas verbais que terminam pelas consoantes *r*, *s* ou *z*. Nesse caso, além da queda da consoante final, o pronome transforma-se em *lo*(*s*), *la*(*s*).

Posso cantar a canção> posso cantar + a> posso cantá-la

Gyslaynne fez os exercícios> Gyslaynne fez +os > Gyslaynne fê-los

Eu quis o bolinho de arroz> Eu quis + o> Eu qui-lo

Com as formas verbais terminadas pela consoante *m*, os mesmos pronomes assumem as formas *no*(*s*) e *na*(*s*). Deve-se ter cuidado para não confundir a forma nos de terceira pessoa do plural com a forma nos, referente à primeira pessoa do plural.

Eles trouxeram as saladas > Eles trouxeram +as > Eles trouxeram-nas

Esqueceram os documentos aqui > Esqueceram +os aqui > Esqueceram-nos aqui.

A própria forma *nos*, de primeira pessoa do plural, guarda modificação, quando combinada às formas verbais equivalentes.

Esquecemos +nos de fechar a porta > Esquecemo-nos de fechar a porta.

Quanto ao uso gramatical, deve-se atentar para a função de sujeito representada pelos pronomes retos e para a função de objeto desempenhada pelos pronomes oblíquos. Identificar se pronome é reto ou oblíquo pode ser um problema, especialmente quando seu uso é precedido por preposição. Neste caso, deve-se atentar para a função do pronome: se funciona como sujeito de um verbo é reto, caso contrário deverá ser oblíquo.

Não há problemas entre eu e tu. (INADEQUADO)

Não há problemas entre mim e ti. (ADEQUADO)

Papai deu o carro para mim dirigir. (INADEQUADO)

Papai deu o carro para eu dirigir. (ADEQUADO)

Cuidado com inversões entre orações, pois, por muitas vezes, elas escondem as reais funções dos termos:

Não é trabalho para eu fazer isso. (INADEQUADO)

Não é trabalho para mim fazer isso. (ADEQUADO)

O sujeito da frase acima é a oração "*fazer isso*" que, na ordem direta ficaria: "*Fazer isso não é trabalho para mim*". Fica evidente, com a alteração da posição dos termos na frase, a função de complemento exercida pelo pronome.

Pronomes de tratamento

Os pronomes de tratamento são uma subclasse dos pronomes pessoais, equivalendo a formas cerimoniosas destinadas a um interlocutor revestido de maior solenidade. Valem por verdadeiros pronomes pessoais. Embora designem a pessoa com quem se fala (2ª), esses pronomes levam o verbo e outras referências para a 3ª pessoa.

Tratamento	Abreviatura	Usado para:
Vossa Alteza	V.A.	Príncipes, arquiduques, duques.
Vossa Eminência	V.Em.ª	Cardeais
Vossa Excelência	V.Ex.ª	Altas autoridades do governo e oficiais generais das Forças Armadas.
Vossa Magnificência	V.Mag.ª	Reitores das universidades.
Vossa Majestade	V.M.	Reis, imperadores.
Vossa Reverência	V.Rev.ª	Sacerdotes em geral.
Vossa Santidade	V.S.	Papa
Vossa Senhoria	V.S.ª	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (CFTMG)

Um escritor! Um escritor!

Antônio Prata*

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu *caminhava pelas* **ruas de** [1]**Kiev**, *desviando de* **barricadas** *e* **coquetéis molotov**, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do Boeing 737: "Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários".

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos.

Ou de quase todos, pois a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente [2]**fagocitada** pela inveja. Ora, quando a *medicina nasceu, com* ***Hipócrates****, a história de* [3]***Gilgamesh*** já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto...

No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aeromoça pedir, ansiosa: "Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários"?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal, sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele, mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida [5]**anamnese**: perguntaria os motivos da briga, [5]se o filho estava mais pra **Proust** *ou pra* **UFC**, levantaria recordações prazerosas da relação e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, num restaurante, ao ouvir os apelos do garçom —"Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!"—, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro.

Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, após as súplicas de mil turistas, fora capaz de convencer 200 tripulantes de um cruzeiro a abandonar o gerúndio.

Eu sorriria, de leve. Diria "Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que estar preparado pras emergências", então recusaria, educadamente, o segundo saquinho de amendoins que a aeromoça me ofereceria e voltaria, como se nada tivesse acontecido, *para as* [6]**bombas da Crimeia,** com meu copo de guaraná.

*Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de *Nu, de Botas*. *Jornal Folha de São Paulo*, 25 mai. 2014.
Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/>.
Acesso em 27 ago.2019.

Vocabulário de apoio:

[1] **Kiev**: capital e maior cidade da Ucrânia. No trecho: *"eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov"*, o autor se refere ao tema do livro (Guerra da Crimeia) que ele lia, enquanto estava no voo. Os termos 'barricadas'(trincheiras feitas de improviso) e 'coquetéis molotov' (tipo de arma química, geralmente usada em guerrilhas) estão relacionados ao tema da leitura feita pelo autor.

[2]**fagocitada**: neologismo criado a partir de *fagocitose*: processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou pedaços de tecido necrosado, por células ameboides chamadas de fagócitos [tem como uma das funções a proteção do organismo contra infecções.]; no texto, 'fagocitada' pode ser substituída por 'devorada'.

[3]No trecho: "a *medicina nasceu, com* **Hipócrates**, *a história de* **Gilgamesh",** o autor se refere a Hipócrates – pensador grego, considerado o "pai da Medicina" – e a Gilgamesh - rei da Suméria, mais conhecido atualmente por ser o personagem principal da *Epopeia de Gilgamesh*, um épico mesopotâmico preservado em

tabuletas escritas com caracteres cuneiformes (o mais antigo tipo de escrita do mundo).

[4]**anamnese**: lembrança, recordação pouco precisa. No campo da medicina, anamnese é um histórico que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

[5]No trecho: "se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**", o autor se refere a um escritor francês (**Proust**, importante escritor no cenário da literatura mundial) e a **UFC**, cuja sigla em inglês *Ultimate Fighting Championship*, designa organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos ao redor de todo o mundo.

[6]**bombas da Crimeia** – referência à Guerra da Crimeia (1853-1856), assunto do livro que o autor lia, durante o voo.

O termo **o** foi utilizado para retomar um termo antecedente (tem o uso equivalente ao de um pronome demonstrativo) em

a) Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar **o** filho, depois de dez anos brigados [...]".
b) "O médico se agachou, tomou **o** pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça."
c) "[...] todos cochichando, olhando em volta, procurando **o** doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói".
d) "Um comissário **o** encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião."

02. (UEL) Leia o fragmento, a seguir, retirado do livro *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, e responda.

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant'Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Catedral, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio, tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant'Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarronice evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles "caras" todos, que nem o olhavam. [...]

Na "cidade", como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre cousas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os *placards* dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembaraço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase cousa alguma.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1990. p. 130-131.

Acerca dos recursos linguísticos sublinhados no texto, assinale a alternativa correta.

a) Ambos os termos "que" e "sua" fazem referência à personagem Cassi Jones.
b) O primeiro termo "ele" refere-se ao subúrbio; o segundo "ele" refere-se a Cassi Jones.
c) A palavra "seu" em destaque refere-se ao termo subsequente "valimento".
d) O pronome "o" faz referência ao local Campo de Sant'Ana.
e) O termo "lhe" faz referência a "aquelas senhoras e moças".

03. (IFAL) Leia o texto abaixo e, com base nele, responda à(s) questão(ões) a seguir.

Quando alguém visita uma cidade pela primeira vez e se hospeda num hotel, depois das formalidades que o hóspede tem de atender, recebe do funcionário da recepção um mapa da cidade. Dessa forma o visitante rapidamente toma conhecimento das ruas, avenidas e praças próximas e afastadas do hotel, habilitando-se com mais eficiência e rapidez a desfrutar dos pontos mais atrativos que a cidade lhe oferecerá.

A leitura de uma gramática para quem quer conhecer uma língua será tão proveitosa quanto foi para o nosso visitante a leitura do mapa da cidade. Isto porque a gramática procura mostrar como os elementos que compõem uma língua se estruturam e se organizam para a elaboração de textos, pelos quais as pessoas se comunicam umas com as outras.

Está claro que o visitante da cidade, no nosso primeiro exemplo, desprezando a consulta ao mapa, poderá chegar a conhecer a cidade; mas, se assim proceder, levará mais tempo, e, nas suas andanças, sentirá mais dificuldade de orientação, podendo perder-se muitas vezes, ao querer retornar ao hotel.

Assim também, a pessoa que desejar aprender ou se mostrar mais eficiente no manejo da língua poderá dispensar a leitura reflexiva da gramática, e a aprender somente ouvindo e repetindo como falam as pessoas instruídas, ou lendo artigos e livros bem escritos. Mas este caminho lhe exigirá, com certeza, mais tempo e esforço.

[...]

(BECHARA, Evanildo. *Gramática fácil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 14)

No texto, as ligações adequadas entre as partes que o constituem são fundamentais para garantir a ele coerência. Tais ligações podem dar-se por meio de processos de referência a termos já mencionados no texto ou que nele ainda vão aparecer, retomando-se ou antecipando-se as ideias.

No excerto "Mas este caminho **lhe** exigirá, com certeza, mais tempo e esforço.", o pronome grifado:

a) retoma "a pessoa que desejar aprender ou se mostrar mais eficiente no manejo da língua".
b) foi mal empregado, haja vista que a concordância no singular gera ambiguidade quanto ao seu referente.
c) refere-se textualmente a "a leitura reflexiva da gramática".
d) pode referir-se tanto a "a leitura reflexiva da gramática" quanto a "artigos e livros bem escritos", pois são as ideias mais próximas do pronome em questão.
e) estabelece uma coesão com um elemento externo ao texto: seus possíveis leitores.

04. (EEAR) Leia:

"Você é exatamente o que eu sempre quis/

Ela se encaixa perfeitamente em mim".

O trecho apresenta um fragmento de uma canção, de autoria de Sorocaba. Em relação ao uso dos pronomes, marque a alternativa correta, de acordo com a gramática normativa.

a) O pronome "ela" indica com quem se fala no discurso.

b) O pronome "você" indica a pessoa que fala no discurso.

c) O pronome "você" não indica, gramaticalmente, a mesma pessoa indicada por "ela", no texto exemplificado.

d) O pronome "você" se refere, gramaticalmente, à mesma pessoa descrita pelo pronome "ela", no texto exemplificado.

05. (UNIFESP) Leia o trecho do conto "A igreja do Diabo", de Machado de Assis (1839-1908), para responder à(s) questão(ões) a seguir:

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a [1]cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

– Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu [2]desdouro, fazei dele um troféu e um [3]lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma [4]esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu"... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da [5]venalidade. Um [6]casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

[1]cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.
[2]desdouro: descrédito, desonra.
[3]lábaro: estandarte, bandeira.
[4]esgalgado: comprido e estreito.
[5]venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.
[6]casuísta: pessoa que pratica o casuísmo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

"Quanto à inveja, pregou friamente que era **a** virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava **a** suprir todas as outras, e ao próprio talento." (4º parágrafo)

Os termos em destaque constituem, respectivamente,

a) um pronome e um artigo.

b) uma conjunção e um artigo.

c) um artigo e uma preposição.

d) um pronome e uma preposição.

e) um artigo e uma conjunção.

06. (IFSUL) Leia o texto e responda à(s) questão(ões) a seguir.

EMBARQUE IMEDIATO
Não basta passar pelos dias. Viva a partir de agora, com emoção

Por Márcia de Luca

Neste mundo de turbulências em que estamos vivendo, muitas vezes nos sentimos deprimidos. Em certos momentos, parece que tudo está perdido, não é mesmo? Achamos que tudo está diferente, que as pessoas estão _____.

Mas aqui e agora, tome uma atitude firme em sua vida. Mude seu jeito negativo de ser, evitando que sua vida seja insignificante.

Perdoe erros que você considerava imperdoáveis, troque as pessoas insubstituíveis por gente mais leve e solta. O apego aos outros está obsoleto. Nada nem ninguém é insubstituível. Aceite a decepção que outros lhe causaram para que você também seja aceito. Sim, porque todos, inclusive nós, já decepcionamos alguém.

Antes de reagir por impulso, pare, respire fundo. E, só então, aja, com equilíbrio. Ame profundamente, _____ risadas gostosas, abrace, proteja pessoas queridas, faça amigos. Pule de felicidade e não tenha medo de quebrar a cara – se isso acontecer, encare com leveza. Se perder alguém nesta vida, sofra comedidamente – e vá em frente, pois tudo passa.

Mas, sobretudo, não seja alguém que simplesmente passa pela vida. Viva intensamente. Abrace o mundo com a devida paixão que ele merece. Se perder, faça-o com classe, se vencer, que delícia! O mundo pertence a quem se atreve a ser feliz. Aproveite cada instante dessa grande aventura.

Agora mesmo, neste _____, sente-se confortavelmente na poltrona, com a coluna ereta e de olhos fechados. Faça vários ciclos de respiração profunda e sinta o ar entrando e saindo. Quando sentir seu corpo relaxado e sua mente mais calma, pense em sua nova vida, mais leve. Desta maneira você viverá mais facilmente.

Fonte: *Revista Gol – Linhas áreas inteligentes*

Em que trecho a palavra sublinhada **NÃO** é um pronome?

a) Aceite a decepção que outros lhe causaram.
b) Se perder alguém nesta vida, sofra comedidamente.
c) O mundo pertence a quem se atreve a ser feliz.
d) Se perder, faça-o com classe.

07. (ENEM)



(QUINO. *Mafalda inédita*. São Paulo: Martins Fontes, 1993)

Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome **se** e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome **se**,

a) em I, indica reflexividade e equivale a "a si mesmas".
b) em II, indica reciprocidade e equivale a "a si mesma".
c) em III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
d) em I e III, indica reciprocidade e equivale a "uma às outras".
e) em II e III, indica reflexividade e equivale a "a si mesma" e "a si mesmas", respectivamente.

08. (EPCAR (AFA)) Trecho da peça teatral *A raposa e as uvas*, escrita por Guilherme de Figueiredo. A cena ocorre na cidade de Samos (Grécia antiga), na casa de Xantós, um filósofo grego, que recebe o convidado Agnostos, um capitão ateniense. O jantar é servido por Esopo e Melita, escravos de Xantós.

(Entra Esopo, com um prato que coloca sobre a mesa. Está coberto com um pano. Xantós e Agnostos se dirigem para a mesa, o primeiro faz ao segundo um sinal para sentarem-se.)

XANTÓS (Descobrindo o prato) – Ah, língua! (Começa a comer com as mãos, e faz um sinal para que Melita sirva Agnostos. [1]Este também começa a comer vorazmente, dando grunhidos de satisfação.) Fizeste bem em trazer língua, Esopo. [2]É realmente uma das melhores coisas do mundo. (Sinal para que sirvam o vinho. Esopo serve, Xantós bebe.) Vês, estrangeiro, de qualquer modo é bom possuir riquezas. Não gostas de saborear [3]esta língua e [4]este vinho?

AGNOSTOS (A boca entupida, comendo) – Hum.

XANTÓS – Outro prato, Esopo. (Esopo sai à esquerda e volta imediatamente com outro prato coberto. [5]Serve, Xantós de boca cheia.) Que é isto? Ah, língua de fumeiro! É bom língua de fumeiro, hein, amigo?

AGNOSTOS – Hum. (Xantós serve-se de vinho) /.../ XANTÓS (A Esopo) Serve outro prato. (Serve) Que trazes aí?

ESOPO – Língua.

XANTÓS – [6]Mais língua? Não te disse que trouxesse o [7]que há de melhor para meu hóspede? Por que só trazes língua? Queres expor-me ao ridículo?

ESOPO – Que há de melhor do que a língua? A língua é o que nos une todos, quando falamos. Sem a língua nada poderíamos dizer. A língua é a chave das ciências, o órgão da verdade e da razão. Graças à língua dizemos o nosso amor. Com a língua [8]se ensina, [9]se persuade, [10]se instrui, [11]se reza, [12]se explica, [13]se canta, [14]se descreve, [15]se elogia, [16]se mostra, [17]se afirma. É com a língua que dizemos sim. É a língua que ordena os exércitos à vitória, é a língua que desdobra os versos de Homero. A língua cria o mundo de Ésquilo, a palavra de Demóstenes. Toda a Grécia, Xantós, das colunas do Partenon às estátuas de Pidias, dos deuses do Olimpo à glória sobre Tróia, da ode do poeta ao ensinamento do filósofo, toda a Grécia foi feita com a língua, a língua de belos gregos claros falando para a eternidade.

XANTÓS (Levantando-se, entusiasmado, já meio ébrio) – Bravo, Esopo. Realmente, tu nos trouxeste o que há de melhor. (Toma outro saco da cintura e atira-o ao escravo) Vai agora ao mercado, e traze-nos o que houver de pior, pois quero ver a sua sabedoria! (Esopo retira-se à frente com o saco, Xantós fala a Agnostos.) Então, não é útil e bom possuir um escravo assim?

AGNOSTOS (A boca cheia) – Hum. /.../ (Entra Esopo com prato coberto)

XANTÓS – [18]Agora que já sabemos o que há de melhor na terra, vejamos o que há de [19]pior na opinião deste horrendo escravo! Língua, [20]ainda? Mais língua? [21]Não disseste que língua era o que havia de melhor? Queres ser espancado?

ESOPO – A língua, senhor, é o que há de pior no mundo. É a fonte de todas as intrigas, o início de todos os processos, a mãe de todas as discussões. É a língua que usam os maus poetas que nos fatigam na praça, é a língua que usam os filósofos que não sabem pensar. É a língua que mente, que esconde, que tergiversa, que blasfema, que insulta, que se acovarda, que se mendiga, que impreca, que [22]bajula, que [23]destrói, que [24]calunia, que vende, que seduz, é com a língua que dizemos morre e canalha e corja. É com a língua que dizemos não. Com a língua Aquiles mostrou sua cólera, com a língua a Grécia vai tumultuar os pobres cérebros humanos para toda a eternidade! Aí está, Xantós, porque a língua é a pior de todas as coisas!

(FIGUEIREDO, Guilherme. *A raposa e as uvas – peça em 3 atos*. Cópia digitalizada pelo GETEB – Grupo de Estudos e Pesquisa em Teatro Brasileiro/UFSJ. Disponível para fins didáticos em www.teatroparatodosufsj.com.br/ download/guilherme-figueiredo-araposa-e-as-uvas-2/ Acesso em 13/03/2019.)

Leia o trecho abaixo e responda à questão a seguir.

"Mais língua? Não te disse que trouxesse o que há de melhor para meu hóspede? Por que só trazes língua? Queres expor-me ao ridículo?" (referência 6)

Em relação à análise morfossintática desse fragmento, assinale a alternativa correta.

a) Em "Não te disse que trouxesse (...)?", é possível perceber o coloquialismo no uso concomitante de 2ª e 3ª pessoas gramaticais.
b) Em "Por que só trazes língua?", o pronome interrogativo, deslocando-se para o final da oração, seria grafado junto e com acento.
c) Em "Queres expor-me ao ridículo?", o pronome oblíquo poderá, de acordo com a norma padrão da Língua, vir antes do verbo 'querer'.
d) Em "(...) o que há de melhor para meu hóspede?", o pronome demonstrativo exerce a função sintática de sujeito da oração.

09. (EPCAR (CPCAR))

Ladainha II

Por que o raciocínio,
os músculos, os ossos?
A automação, ócio dourado.
O cérebro eletrônico, o músculo
mecânico
mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?
O de metal não tornará o homem
mais cordial,
dando-lhe um ritmo extra-corporal?
Por que levantar o braço
para colher o fruto?

A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina o fará por nós.
Ó máquina, orai por nós.

(RICARDO, Cassiano. *Jeremias sem-chorar*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.)

Sobre o emprego de pronomes no texto, é correto afirmar que

a) no verso "dando-**lhe** um ritmo extra-corporal?", o pronome "lhe" exerce função sintática de complemento nominal.
b) no verso "A máquina **o** fará por nós", o pronome "o" exerce função de objeto direto.
c) no verso "Por **que** levantar **o** braço", o termo "que" classifica-se como pronome relativo.
d) no verso "Ó máquina, orai por **nós**", a substituição pela forma "orai-nos" manteria a correção sintática e semântica.

10. (ENEM)

Toca a sirene na fábrica,
e o apito como um chicote
bate na manhã nascente
e bate na tua cama
no sono da madrugada.
Ternuras da áspera lona
pelo corpo adolescente.
É o trabalho que te chama.
Às pressas tomas o banho,
tomas teu café com pão,
tomas teu lugar no bote
no cais do Capibaribe.
Deixas chorando na esteira
teu filho de mãe solteira.
Levas ao lado a marmita,
contendo a mesma ração
do meio de todo o dia,
a carne-seca e o feijão.
De tudo quanto ele pede
dás só bom-dia ao patrão,
e recomeças a luta
na engrenagem da fiação.

MOTA, M. *Canto ao meio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Nesse texto, a mobilização do uso padrão das formas verbais e pronominais

a) ajuda a localizar o enredo num ambiente estático.
b) auxilia na caracterização física do personagem principal.
c) acrescenta informações modificadoras às ações dos personagens.
d) alterna os tempos da narrativa, fazendo progredir as ideias do texto.
e) está a serviço do projeto poético, auxiliando na distinção dos referentes.

GABARITO

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. D	03. A	05. C	07. E	09. B
02. B	04. C	06. B	08. A	10. E

ANOTAÇÕES